

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico  
**Evento:** XX Jornada de Pesquisa

## **DA INTERPRETAÇÃO À EDUCAÇÃO: UMA LEITURA DA FILOSOFIA NIETZSCHIANA<sup>1</sup>**

**Leandro José Kotz<sup>2</sup>.**

<sup>1</sup> Projeto de pesquisa em andamento no curso de Mestrado em Educação nas Ciências Unijuí.

<sup>2</sup> Aluno do curso de Mestrado em Educação nas Ciências da Unijuí. Bolsista Taxa PROSUP/CAPES.

Nesta inflexão de pensamento tem-se por desígnio tematizar a filosofia de Nietzsche no que tange à hermenêutica, confluindo esses achados com a educação. Trata-se de conduzir o pensamento nietzschiano, sobretudo aquele das obras tardias, no que concerne à hermenêutica, para o interior da educação. O primeiro pressuposto desse movimento é enunciado com Nietzsche, a saber: “não há fatos, apenas interpretações de fatos”, sendo apenas uma interpretação. Se assim é, então as experiências de verdade, são experiências interpretativas. O segundo pressuposto está interconexo com o primeiro, trata-se da vocação niilista da hermenêutica. Esses pressupostos têm profundas implicações não somente na metafísica enquanto filosofia fundacional, mas também em alguns paradigmas da educação, uma vez que estes, por vezes, se serviram e/ou se servem da metafísica fundacional para enunciar suas experiências de verdade. Da radicalização desses pressupostos segue-se uma tarefa para o filosofar e para a educação, a saber, pensar a ambas para além da metafísica fundacional, de sorte a evidenciar que no cenário hodierno a educação é, desde sua gênese, hermenêutica.

A racionalidade metafísica produziu “verdades” (radicalizando a própria concepção de verdade) entronizadas e/ou absolutas, a saber, o ser; por meio da religião, o absoluto/transcendente; e por meio da moral, o bem/mal. Estes são referenciais tradicionais de sentido, que se sustentam num fundamento imperecível e último, que é sua razão de existir, qual seja, *tò ón*. Na contemporaneidade, contudo, evidencia-se a incongruência do pressuposto epistemológico subjacente na tradição metafísica, demonstrando-se a impossibilidade de apreender e/ou coadunar o ser à inteligibilidade. No dizer de Nietzsche, “o mundo-verdade tornou-se uma fábula”. E, não apenas evidencia-se sua incongruência, como também se denuncia a metafísica como o germen da violência que tem seu ápice em Auschwitz (conforme Adorno sustenta). Portanto, o cenário filosófico niilista (em terminologia nietzschiana) e o *sitzimleben* anunciam uma exigência ao pensamento filosófico num tempo singular em que a filosofia se vê ameaçada, qual seja, uma racionalidade comprometida com os contextos que a envolvem. Destarte, se a pergunta central da tradição filosófica é pelo ser, Nietzsche opera uma guinada radical ao colocar no cerne de suas interpretações a pergunta pelo ser humano. Decorre dessa problemática o problema central de nossa pesquisa: se a metafísica, segundo Nietzsche, é incongruente, então é possível a filosofia? Supondo que a resposta seja positiva, então, qual é (são) a(s) possibilidade(s) razoável(eis) para o filosofar e consequentemente para a filosofia? Considerando que algumas perspectivas educacionais partem da metafísica fundacional doravante desmascarada (segundo, Nietzsche, Heidegger, Adorno e Vattimo

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico  
**Evento:** XX Jornada de Pesquisa

entre outros), então, que perspectiva educacional epistemológica é razoável à luz das contribuições hermenêuticas nietzschianas? Em outras palavras, transluz uma centelha epistemológica na filosofia nietzschiana de sorte a contribuir para a educação como interpretação?

Nietzsche abre uma nova perspectiva para a filosofia num tempo singular em que a razão filosófica sofre de seus próprios grilhões (a título de exemplo, ontologização do real, enclausuramento da razão em sistemas totais e fechados, noção de verdade por conformidade e risco de ser dissolvida em outras ciências), pensando a racionalidade filosófica como interpretação. Nietzsche, não é hermeneuta (ao menos não se diz). Isso, porém não significa que seu pensamento seja desprovido de elementos hermenêuticos. Certo é que sua filosofia é filosofia interpretativa. E, uma das possibilidades para a filosofia é a interpretação. Identificam-se dois conceitos nietzschianos que corroboram essa hipótese, quais sejam, o niilismo e a morte de Deus. O niilismo, segundo Nietzsche, é gestado pela tradição, metafísica, religiosa (sobretudo cristã) e moral. Apesar disso, revela-se como (única) chance para saltar/abandonar a metafísica, uma vez que enfraquece as estruturas fortes do ser, dissolvendo o centro fundacional. Por niilismo não se entende mais do que aquilo que Nietzsche expressou numa nota introdutória à Vontade de Poder. Diz: “desde Copérnico o homem rolou para fora do centro, para uma incógnita [Seit Kopernikus rollt der Mensch aus dem Zentrum ins x]”. A incógnita está em algum lugar que não se sabe certo, tampouco como ela é. O que se sabe, é que doravante o x é o topos a partir do qual se filosofa, ou melhor, se interpreta. Associa-se ao niilismo a morte de Deus. Grosso modo, a morte de Deus significa o fim do projeto metafísico e/ou o fim dos altos valores promovidos pela metafísica, pela moral e pela religião. Questionam-se radicalmente as verdades absolutas, bem como, o in se. Destarte, conforme Vattimo, com a morte de Deus (metafísico), finalmente pode-se falar de Deus (ou melhor, o Deus bíblico pode voltar a falar à humanidade). Direcionando esses achados, o pressuposto filosófico nietzschiano de que só há interpretações, o niilismo e a morte de Deus, ou de forma resumida a filosofia interpretativa niilista, para a educação, se faz mister reinterpretar a educação haja vista, que, em grande medida, a educação foi desenvolvida sobre as bases (violentas) da metafísica. Portanto, a contribuição hermenêutica nietzschiana à educação consiste em pensá-la como educação interpretativa niilista. Educação como interpretação: é um processo de aprendizagem e, como tal, acontece em todos os espaços.

Para o filósofo Adorno, o pensar filosófico não pode abdicar responsabilmente dos contextos que o envolvem. Ora, o tempo de agora pode ser caracterizado como hermenêutico. Nele, a racionalidade hermenêutica encontra um espaço privilegiado. Sendo assim, deve-se olhar para as exigências metodológicas e epistemológicas da hermenêutica com o objetivo de reinterpretar a educação. Portanto, pensa-se a filosofia hermenêutica e hermenêutica filosófica como perspectiva para pensar os pressupostos da educação.

Este modo de proceder se justifica uma vez que filósofos contemporâneos constatarem a crise na metafísica. Conceitos como, in se, verdade e sujeito são radicalmente questionados e reinterpretados pela filosofia contemporânea. Contudo, é inegável que exerceram e exercem influências no modo de pensar a educação, bem como no próprio fazer pedagógico. Diante disso, é mister repensar a educação a partir de uma racionalidade interpretativa. Portanto, a primeira tarefa filosófica é a crítica radical e sem reservas às compreensões objetivas do conhecimento, da verdade e da

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico

**Evento:** XX Jornada de Pesquisa

realidade. Tarefa necessária, uma vez que, esses conceitos, na perspectiva metafísica, abrem a possibilidade para discursos dogmáticos, legalistas e fundamentalistas. Disto decorre a segunda tarefa, desenvolver chaves interpretativas que possibilitem a aproximação da filosofia hermenêutica e da hermenêutica filosófica com a educação. A aproximação não é dada a priori, por essa razão é necessário que as devidas distinções entre educação e hermenêutica sejam feitas, as carecidas conjugações operadas, para, então, averiguar a cooperação.

Se a racionalidade filosófica deve ser responsável com o contexto no qual está envolvida, então, não faz sentido pensar a educação como reprodução de verdades objetivas transmitidas por um sujeito absoluto e absorvidas por alguém. É preciso saltar desta perspectiva, pois no fundo está presente o clássico esquema sujeito e objeto, bem como, a própria racionalidade metafísica. Neste sentido, a filosofia nietzschiana abre uma nova possibilidade para a relação com a verdade, com o conhecimento e com o sujeito. Doravante, não mais objetivista, dado in se, mas como fruto da racionalidade interpretativa a partir de determinadas perspectivas. Portanto, em vez da objetividade, para Nietzsche, abre-se o jogo e a pluralidade de interpretações, no qual, não é o primado da verdade que importa, mas a interpretação. Essa relação revela-se fecunda para a educação no tempo de agora.